

PROVA de LÍNGUA PORTUGUESA e LITERATURAS – 1ª ETAPA do VESTIBULAR 2006

Leia, com atenção, o fragmento abaixo, selecionado do texto **A impostura da neutralidade (Texto I)**, de Eugênio Bucci, publicado em *Sobre ética e imprensa* (São Paulo: Companhia das Letras, 2000, pp. 96-98).

Texto I

A impostura da neutralidade

- 1 “(...) Assim como atribuiu um sinal negativo à presença de emoção no relato jornalístico, ou exatamente por causa disso, o senso comum acalenta o ideal da objetividade sobre-humana; imagina que o bom repórter é inteiramente imune às crenças, às convicções e às paixões. O repórter ideal seria o que não torcesse para nenhum time de futebol, não tivesse suas pequenas predileções eróticas, nem seus fetiches, nem seus pecados,
- 5 que não professasse nenhuma fé, que não tivesse inclinações políticas e nenhum tipo de identificação étnica ou cultural. No mínimo, o repórter ideal é aquele que parece “neuro”. Sendo “neuro”, ele não favorecerá um dos ângulos de sua história e, conseqüentemente, será mais confiável. Eis a síntese do bom jornalismo segundo a mistificação do senso comum. A própria liturgia do ofício jornalístico parece ainda estar envolta no mito da neutralidade.
- 10 Esse mito, que se converte numa perniciosa impostura, já foi devidamente desmascarado por autores e jornalistas das mais diversas formações. Em *A ética no jornalismo*, Philip Meyer cita uma frase de Katherine Carlton McAdams (ganhadora do Prêmio Carol Burnette – University of Hawaii – AEJMC para jornais de estudantes sobre ética jornalística) que dá uma boa síntese do drama do profissional: “Os jornalistas são pessoas reais que vivem em famílias, votam, e torcem pelo time local [...] Espera-se que todas as lealdades pessoais sejam
- 15 postas de lado quando se está atuando num papel profissional - mas ... os jornalistas nunca podem estar seguros de até que ponto são influenciados por fatores pessoais que controlam percepções e predisposições”. Meyer ironiza a pretensão da neutralidade: “Ela presume a postura do ‘homem-de-Marte’, o estado de alheamento total”. Não raro, a fantasia de “homem-de-Marte” acaba ajudando a erguer uma trágica impostura, que põe em risco a base democrática do jornalismo. O paulistano Cláudio Abramo (1923-87), um dos jornalistas que desenhou a face da
- 20 imprensa brasileira no século XX, que atuou na modernização do *Estado de S.Paulo* nos anos 1950 (assumiu a Secretaria de Redação do jornal aos trinta anos) e da *Folha de S.Paulo*, da qual foi diretor de redação nos anos 1970, também combateu esse mito:
- A noção segundo a qual o jornalista é uma espécie à parte na humanidade, o *Homo informens*, se nos for permitida tal liberalidade, é não apenas desprovida de racionalidade como desprovida de moral e, se adotada,
- 25 levaria os jornalistas a se considerarem acima do bem e do mal, ou, de outra forma, se julgarem agentes absolutamente passivos na sociedade, como uma vassoura ou uma pistola automática.
- Mesmo assim, a impostura da neutralidade ainda constitui uma regra. E, como toda impostura, desinforma.
- O pecado ético do jornalista não é trazer consigo convicções e talvez até preconceitos. Isso, todos temos. O pecado é não esclarecer para si e para os outros essas suas determinações íntimas, é escondê-las, posando de
- 30 “neuro”. O pecado ético do jornalista, em suma, é falsear a sua relação com os fatos, tomando parte na impostura da neutralidade. Esse falseamento – ainda muito comum – pode ser facilmente verificado, em três variantes básicas. A primeira variante é a ocultação involuntária, que consiste em fazer de conta que não se têm convicções ou preconceitos, ou que esses não interferem na objetividade possível. Resultam daí os relatos supostamente isentos, por trás dos quais o jornalista se esconde como se sua pessoa fosse um ente impessoal e
- 35 como se a notícia não fosse também determinada pelo seu modo de olhar e de narrar. A máxima segundo a qual quem deve aparecer é o fato e não o jornalista reforça a ocultação involuntária. É claro que o repórter não deve disputar com a notícia a atenção do leitor, mas os sentidos e as habilidades, naturais ou treinadas, de quem cobre um fato (intuições, modos pessoais de olhar, repertório cultural) enriquecem, e não empobrecem, a narrativa que será levada ao público. Esconder tudo isso é empobrecer o jornalismo como ofício e enfraquecê-lo
- 40 como instituição social.
- A segunda variante pela qual o jornalista simula neutralidade pode ser chamada de ocultação deliberada. Mais própria de editores e repórteres de maior patente, ela consiste em mascarar convicções e preconceitos sob a aparência de informação objetiva, contrabandeando, assim, para o público, concepções pessoais como se fossem informações objetivas. A ocultação deliberada se beneficia da crença do público de que a neutralidade é possível e, além de não
- 45 esclarecer ninguém sobre os fatos (pois, propositadamente, transmite uma versão montada dos fatos como se fossem os fatos falando por si mesmos), alimenta ainda mais o mito do jornalista neutro. Por fim, a terceira variante é a ocultação determinada pela servidão voluntária. Acontece mais entre aqueles que “vestem a camisa” não da empresa, mas do chefe. De preferência, já suada. Os que vestem a camisa do chefe anulam voluntariamente sua visão crítica em nome do cargo, do salário, da ambição ou do medo, e assumem para si os valores, as convicções e os preconceitos
- 50 de quem está no comando.
- As três variantes se alternam e se completam, produzindo a desinformação não apenas no público, mas também ao longo da linha de produção da notícia. (...)”

01. O **principal** objetivo comunicativo do texto é:

- a) defender a neutralidade e a isenção do bom jornalista.
- b) apresentar os motivos que fazem com que um jornalista seja neutro.
- c) discutir a idéia de neutralidade dentro do campo jornalístico.
- d) identificar as dificuldades dos jornalistas na relação com seus chefes.
- e) criticar os jornalistas que não se mantêm neutros em seu trabalho.

02. A **principal tese** apresentada no fragmento lido é a de que:

- a) a insistência na neutralidade do jornalista pode provocar prejuízos à informação.
- b) o jornalista precisa se manter acima do bem e do mal em seu trabalho.
- c) há consenso sobre a noção de neutralidade em jornalismo.
- d) o compromisso com a objetividade deve sobrepor-se às observações pessoais no jornalismo.
- e) os jornalistas precisam ser fiéis à notícia antes de serem fiéis a si mesmos e a seus chefes.

03. Leia, com atenção, as afirmativas abaixo:

- I. A noção de neutralidade no jornalismo é defendida apenas pelo senso comum.
- II. O ponto semelhante entre as figuras do “Homem-de-Marte” e do “*Homo Informens*” é o fato de ambos serem grupos à parte dos humanos.
- III. Toda notícia é, por fim, determinada pela maneira de olhar e de narrar de um jornalista.
- IV. No jornalismo atual, não é mais cobrada a neutralidade e a isenção do jornalista.
- V. Vender a visão pessoal de um fato como sendo um fato objetivo corresponde à chamada estratégia de ocultação criminosa do fato.

Com base no texto lido, pode-se afirmar que:

- a) todas as afirmativas estão corretas.
- b) apenas as afirmativas III e IV estão corretas.
- c) as afirmativas I, II e IV estão corretas.
- d) as afirmativas II, III e V estão corretas.
- e) as afirmativas II e III estão corretas.

04. Leia novamente:

“ (...) Esse mito, que se converte numa perniciosa **impostura**, já foi devidamente desmascarado por autores e jornalistas das mais diversas formações. (...)”
(2º parágrafo, linhas 10 e 11)

O termo **impostura**, destacado no enunciado acima, pode ser substituído, **sem perda substancial de sentido**, por:

- a) distúrbio.
- b) engano.
- c) duplicação.
- d) violação.
- e) impotência.

05. Dentre os fatores abaixo, qual **NÃO** foi mencionado por Bucci **como fator que afeta explicitamente** o fazer jornalístico?

- a) As crenças e convicções do jornalista
- b) As predileções políticas e pessoais do jornalista
- c) A necessidade de agradar ao chefe
- d) O compromisso com a neutralidade
- e) As imposições de diagramação gráfica

06. Leia o fragmento destacado:

“(…) O pecado ético do jornalista não é trazer consigo convicções e talvez até preconceitos. Isso, todos temos.”
(5º parágrafo, linha 28)

Com base na leitura do texto, **É POSSÍVEL** inferir, desse fragmento, que:

- a) todos nós temos os preconceitos específicos dos jornalistas.
- b) todos os jornalistas podem pecar contra a ética.
- c) os jornalistas, incluindo Bucci, não estão ligados às suas ideologias.
- d) Bucci quer destacar que o pecado dos jornalistas é gravíssimo.
- e) os preconceitos dos jornalistas são éticos.

07. Entre todas as sentenças abaixo, retiradas do texto lido, **SÓ NÃO** há enunciado metafórico em:

- a) “(…) A própria liturgia do ofício jornalístico parece ainda estar envolta no mito da neutralidade.”
(1º parágrafo)
- b) “Em *A ética no jornalismo*, Philip Meyer cita uma frase de Katherine Carlton McAdams (ganhadora do Prêmio Carol Burnette – University of Hawaii – AEJMC para jornais de estudantes sobre ética jornalística). (…)” (2º parágrafo)
- c) “(…) ou, de outra forma, se julgarem agentes absolutamente passivos na sociedade, como uma vassoura ou uma pistola automática.” (3º parágrafo)
- d) “(…) o senso comum acalenta o ideal da objetividade sobre-humana, imagina que o bom repórter (…)”
(1º parágrafo)
- e) “(…) Mais própria de editores e repórteres de maior patente, ela consiste em mascarar convicções (…)”
(6º parágrafo)

08. Leia novamente:

(I) (...) “Ela presume a postura do ‘homem-de-Marte’, o estado de alheamento total” (...) (2º parágrafo, linha 17)

(II) (...) “Não raro, a fantasia do “homem-de-Marte” acaba ajudando a erguer (...)” (2º parágrafo, linhas 17 e 18)

O uso das aspas em ‘homem-de-Marte’ (I) e “homem-de-Marte” (II) pode ser justificado por:

- a) ser uma citação, em (I), e reforçar a ironia no termo, em (II).
- b) indicar uma oposição, em (I), e referir-se a termos jornalísticos, em (II).
- c) indicar uma criação de termo, em (I), e ser uma referência a um termo citado, em (II).
- d) garantir o distanciamento do autor em relação aos termos e citações usados em seu texto.
- e) ser referência à fala do outro, nos dois casos, reforçando o argumento de autoridade nesse texto.

09. Leia novamente:

“(…) Resultam daí os relatos supostamente isentos, por trás **dos quais** o jornalista se esconde como se sua pessoa (…)” (5º parágrafo, linhas 33 e 34)

“(…) A máxima segundo **a qual** quem deve aparecer é o fato (…)” (5º parágrafo, linhas 35 e 36)

“(…) A segunda variante **pela qual** o jornalista simula neutralidade (…)” (6º parágrafo, linha 41)

Observa-se, nos exemplos acima, o uso dos pronomes relativos, **de acordo com a língua padrão**. Em qual dos exemplos abaixo há a **VIOLAÇÃO** da regra desse uso?

- a) “Esse é o livro de Bucci sobre o qual lhe falei o mês passado”.
- b) “Todas pessoas com quem converso têm a mesma visão sobre jornalismo”.
- c) “A neutralidade da qual se cobra dos jornalistas é motivo de polêmica ainda hoje”.
- d) “As diversas tendências do jornalismo sobre as quais dissertou Bucci ganharam destaque na revista Isto Sim”.
- e) “O princípio segundo o qual o jornalista não deve se envolver com a matéria é bastante relativo”.

Leia, agora, o **Texto II**, de Carlos Heitor Cony, intitulado **A lâmpada de Érico**, publicado na **Folha de S.Paulo**, em sua edição de 12 de junho de 2005.

Texto II

A lâmpada de Érico

- 1 RIO DE JANEIRO** - Convidado para participar em Porto Alegre de um debate sobre a obra de Érico Veríssimo, cujo centenário de nascimento comemora-se neste ano, andei relendo alguns de seus livros que considero mais importantes. E deparei-me com uma cena e um comentário que muito me impressionaram em “Solo de Clarineta”, que são suas memórias.
- 5** Filho de um dono de farmácia em Cruz Alta (RS), farmácia que, nas cidades do interior, funciona como único pronto-socorro da coletividade. Ali chegou um homem gravemente ferido, com o abdome aberto, por onde saíam os intestinos, muito sangue e pus. Era noite, o homem estava morrendo. Chamaram Érico, mal saído da infância, para segurar uma lâmpada que iluminasse o ferimento que deveria ser operado por um médico de emergência.
- 10** O menino teve engulhos, ficou enojado, mas agüentou firme, segurando a lâmpada, ajudando a salvar uma vida. Em sua autobiografia, ele recorda aquela noite e comenta:
“Desde que, adulto, comecei a escrever romances, tem-me animado até hoje a idéia de que o menos que um escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão, propícia aos ladrões, aos assassinos e aos tiranos. Sim, segurar a lâmpada, a despeito da náusea e do horror”.
- 15** Creio que não há, na literatura universal, uma imagem tão precisa sobre o ofício do escritor, principalmente do romancista. Leitores e críticos geralmente reclamam das passagens mais escabrosas, aparentemente de gosto duvidoso, de um romance, texto teatral, novela ou conto. Acusação feita à escola realista, na qual se destacaram Zola e Eça de Queiroz. No teatro, Nelson Rodrigues e até mesmo
- 20** Shakespeare em alguns momentos, como na cena do porteiro de “Macbeth”.
- Érico acertou na veia (perdoem a imagem que está na moda). Ele também ergueu sua lâmpada e iluminou parte da escuridão em que vivemos.

10. O **principal** objetivo comunicativo do texto é:

- alertar o leitor sobre o centenário de nascimento de Érico Veríssimo.
- relatar os principais acontecimentos da infância de Érico Veríssimo.
- criticar a escola realista e os escritores a ela relacionados.
- identificar exemplos de solidariedade e coragem dos gaúchos.
- valorizar o compromisso do escritor com a realidade.

11. A respeito do **comentário de Érico Veríssimo** (4º parágrafo), **É POSSÍVEL** concluir que:

- o escritor só precisa ater-se à realidade quando ela é cruel e injusta.
- a tarefa do escritor é encobrir os ladrões, assassinos e tiranos escondidos na escuridão.
- é compromisso de um escritor desnudar o seu mundo, compartilhando a realidade com seus leitores.
- se a realidade é cruel e nauseante, o escritor precisa selecionar cuidadosamente o que vai mostrar em sua obra.
- a literatura é a única maneira pela qual se pode livrar o mundo da escuridão.

12. Leia novamente:

“(…) Ali chegou um homem gravemente ferido, com o abdome aberto, por onde saíam os intestinos, muito sangue e pus. Era noite, o homem estava morrendo. (...)”
(2º parágrafo, linhas 6 e 7)

A inclusão da descrição detalhada do ferimento do homem, **no contexto da crônica**, pode ser justificada:

- pela necessidade do autor de enfatizar a coragem e a valentia dos gaúchos.
- pela vontade do autor de criar um exemplo de uma cena de gosto duvidoso.
- pelo desejo do autor de descrever uma cena de forma romântica e detalhada, à maneira de Zola e Nelson Rodrigues.
- pela intenção do autor de exemplificar o compromisso de Érico Veríssimo no relato realista das experiências que viveu.
- pela falta de criatividade de Cony em modificar uma cena narrada por Veríssimo em suas memórias.

13. Leia novamente:

“(...) **Érico acertou na veia** (perdoem a imagem que está na moda). (...)”

(6º parágrafo, linha 21)

Em “**Érico acertou na veia**”, destacado no enunciado acima, a expressão “**acertou na veia**” equivale a:

- a) deu a volta por cima.
- b) errou feio.
- c) atingiu a artéria.
- d) encontrou dificuldades.
- e) compreendeu o processo.

14. A **inclusão do comentário** entre parênteses (“**perdoem a imagem que está na moda**”) demonstra que o autor:

- a) não gosta de usar gírias em suas crônicas.
- b) não está confortável com a adoção de um modismo no texto.
- c) quis fazer um trocadilho com a cena do homem na farmácia.
- d) rejeita a criação de imagens mais fortes em suas crônicas.
- e) sucumbiu à idéia realista de iluminar o que é feio e violento.

As questões 15 e 16 referem-se a comparações entre o **Texto I (A impostura da neutralidade)** e o **Texto II (A lâmpada de Érico)**:

15. Em relação ao *ofício do jornalista*, mencionado no **Texto I**, e ao *ofício do escritor*, mencionado no **Texto II**, é **INCORRETO** afirmar que, **em ambos**:

- a) o principal compromisso é com a responsabilidade sobre os fatos.
- b) é criticada a estratégia de ocultação da realidade do mundo.
- c) é destacado o papel do autor na informação e formação do leitor.
- d) é proibido lidar com os fatos a partir de suas próprias convicções.
- e) é valorizado o compromisso social desses ofícios.

16. Com base nos textos lidos, é **POSSÍVEL** afirmar que:

- a) a neutralidade, para Bucci, desinforma e, para Érico Veríssimo, ilumina o mundo.
- b) Bucci valoriza a ocultação involuntária dos fatos e Érico Veríssimo condena qualquer tipo de ocultação dos fatos.
- c) Veríssimo e Bucci elogiam a objetividade no relato dos fatos.
- d) o pecado ético do jornalista é o falseamento de sua relação com os fatos; o do escritor é evadir-se da realidade.
- e) a obra jornalística, assim como a obra literária, deve obedecer aos gostos e imposições do mercado.

Leia, com atenção, o **soneto**, de Álvaro de Campos (**Texto III**), publicado em *Fernando Pessoa – Obra poética, Volume Único* (RJ: Nova Aguilar, 1995, p. 301), **para responder às questões 17 e 18.**

17. O soneto ao lado trata:

- a) da tensão entre sentir e pensar.
- b) da falta de inteligência do poeta.
- c) do descompasso entre a vida e a morte.
- d) do desejo de escapar da essência da vida.
- e) da união entre poesia e vida.

18. Pode-se afirmar do eu-lírico que ele:

- a) sente a satisfação de estar vivo.
- b) afirma a certeza sobre seus sentimentos.
- c) está à procura de si mesmo.
- d) revela a falta de sentido do cotidiano.
- e) elogia sua própria solidez moral.

Texto III

[437]

Quando olho para mim não me percebo.
Tenho tanto a mania de sentir
Que me extravio às vezes ao sair
Das próprias sensações que eu recebo.

O ar que respiro, este licor que eu bebo,
Pertencem ao meu modo de existir,
E eu nunca sei como hei de concluir
As sensações que a meu pesar concebo.

Nem nunca, propriamente reparei,
Se na verdade sinto o que sinto. Eu
Serei tal qual pareço em mim? Serei

Tal qual me julgo verdadeiramente?
Mesmo ante as sensações sou um pouco ateu,
Nem sei bem se sou eu quem em mim sente.

Leia, com atenção, o poema **Andorinha (Texto IV)**, de Manuel Bandeira, publicado em *Poesia completa e prosa* (Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993, p. 217), para responder às questões 19 e 20.

Texto IV

ANDORINHA

Andorinha lá fora está dizendo:

– “Passei o dia à toa, à toa!”

Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!
Passei a vida à toa, à toa...

19. Entre o poeta e a andorinha há uma relação de:
- humor.
 - amor.
 - revolta.
 - analogia.
 - desejo.
20. A linguagem do poema é:
- erudita.
 - coloquial.
 - rebuscada.
 - livresca.
 - chula.
21. A respeito do romance **Agosto**, de Rubem Fonseca, **É POSSÍVEL** afirmar que ele:
- narra uma história policial, sem mencionar um conflito ou cenário político.
 - descreve o Rio de Janeiro, depois da morte do presidente Getúlio Vargas.
 - relata a decadência política e social do Brasil, após o crime da rua Toneleros.
 - defende a idéia de que a solução para os conflitos sociais só depende do povo.
 - apresenta um cenário de violência, corrupção e disputa de poder, no Brasil.
22. Ao final da leitura do romance **Agosto**, **É POSSÍVEL** concluir que:
- o Rio de Janeiro continua lindo, enquanto a crueldade e a violência nascem no silêncio.
 - as pessoas dormem profundamente, porque todo o conflito social e político se desfez.
 - a vingança, a ganância e a disputa pelo poder diminuíram diante de tantas brutalidades.
 - a imprensa escrita e falada pouco contribui para a formação de opinião dos brasileiros.
 - os seres humanos reagem passivamente e se silenciam para vencer todas as injustiças.
23. **O conto da ilha desconhecida**, de José Saramago, é uma narrativa de ficção cujo **objetivo principal** é:
- mostrar a ingenuidade das pessoas sonhadoras.
 - estimular a imaginação das pessoas solitárias.
 - criticar a perseverança dos que têm objetivos.
 - incentivar atitudes de conformismo diante dos poderosos.
 - discutir questões como liberdade e poder político.
24. Leia, com atenção, o fragmento abaixo, retirado da obra **O conto da ilha desconhecida (Texto V)**, de José Saramago (São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 5).

Texto V

“Um homem foi bater à porta do rei e disse-lhe, Dá-me um barco. A casa do rei tinha muitas mais portas, mas aquela era a das petições. Como o rei passava todo o tempo sentado à porta dos obséquios (entenda-se, os obséquios que lhe faziam a ele), de cada vez que ouvia alguém a chamar à porta das petições fingia-se desentendido, e só quando o ressoar contínuo da aldraba de bronze se tornava, mais do que notório, escandaloso, tirando o sossego à vizinhança (as pessoas começavam a murmurar, Que rei temos nós, que não atende), é que (...)”

Pode-se afirmar que há, nesse fragmento:

- uma metáfora, que valoriza a democracia como a melhor forma de se manter o poder.
- uma ironia, que mostra uma tendência de se usar o poder político em benefício próprio.
- uma contradição, que revela os principais traços do sistema monárquico.
- uma fábula, que mostra o rei como mendigo que sempre queria receber favores.
- uma analogia, que coloca a casa do rei como um palácio sempre aberto, acessível.